

ENTREVISTA

REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DO LETRAMENTO ÂNGELA KLEIMAN, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Áurea da Silva Pereira
Maria Neuma M. Paes

Apresentação

Ângela Kleiman possui graduação em Letras pela Universidade de Chile (1967), Mestrado em Linguística (1969) e PhD em Linguística (1974) pela University of Illinois; pós-doutorado no Center for the Study of Reading na University of Illinois e na University of Georgia (1982-1983). Atualmente é Professor Titular, colaboradora na Universidade Estadual de Campinas. Coordenou a implantação (1982) do Departamento de Linguística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp - e dos cursos de Mestrado e Doutorado do mesmo Departamento. Possui experiência na área da Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, EJA, formação do professor de língua materna e letramento. Nessas áreas, publicou e organizou os seguintes livros e coletâneas: **Leitura: Ensino e Pesquisa** (1989, 2011); **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura** (1989, 16ª ed. 2016); **Oficina de Leitura** (1993, 16ª ed. 2016), **Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo redes nos projetos da escola** (1999, 2009, com Sílvia Moraes), **Preciso ensinar? o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** (2005, 2010); **Oficina de Gramática. Metalinguagem para principiantes** (2012, com Cida Sepulveda), Também organizou várias coletâneas que reúnem trabalhos importantes nas suas áreas de atuação: **Os significados do letramento** (1995, 2012); **A Formação do Professor. Perspectivas da Linguística Aplicada** (2001, 2009), **O ensino e a formação do professor** (2000, com I. Signorini); **Letramento e Formação do Professor, Práticas discursivas, representações e construção do saber** (2005, 2009, com Maria de Lourdes M. Matencio); **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces** (2007, com M. Cavalcanti); **Letramentos Múltiplos: agentes, práticas e representações** (2008, com Maria Do Socorro Oliveira),

Significados e ressignificações do letramento Desdobramentos de uma perspectiva sociocultural da escrita (2016, com Juliana Alves Assis).

A professora Ângela Kleiman é também nossa parceira nos Estudos de Letramento, Identidades e Formação de Educadores, temas que norteiam as pesquisas da Linha 2, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – Mestrado – da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DEDC/CAMPUS II, especialmente em projetos que pesquisam os modos de inserção de grupos subalternizados em práticas de letramento. Como parte dessa parceria, foi consultora em um projeto de pesquisa sobre o letramento do professor alfabetizador no local de trabalho, coordenado pelo professor Dr. Cosme Batista dos Santos. Além disso, atuou como convidada em eventos da linha de Pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores. Recentemente, visitou o Programa de Mestrado em Crítica Cultural (DEDC II – UNEB), participando como conferencista do I Simpósio de Letramentos, Identidades e Formação de Educadores –SLIFE - que aconteceu entre os dias 28, 29 e 30 de setembro de 2016. Para enriquecer nossos estudos sobre Letramentos, especificamente da Linha 2 - Letramento, Identidades e Formação de Educadores, realizamos mais uma entrevista com a Professora Ângela Kleiman. Nesta entrevista, são apresentadas questões debatidas e refletidas nas reuniões da Linha 2 e nas aulas da disciplina Políticas de Letramento, aulas da graduação, do curso de Letras, além dos discursos produzidos nas qualificações e defesas das dissertações de mestrado concluídas e em andamento. A entrevista de Ângela Kleiman se constitui em um conjunto de reflexões teóricas atuais que norteia os diversos estudos sobre letramentos presente nos espaços sociais, políticos, culturais, educacionais em contextos de comunidades rurais, quilombolas, indígenas urbanas, periféricas, entre outros grupos. Para nós, é um privilégio apresentar aos estudantes da graduação, do mestrado, professores da educação básica e professores pesquisadores, as reflexões tão bem pontuadas acerca dos novos estudos do letramento e o lugar que esses estudos têm ocupado nas práxis docente e nas pesquisas linguísticas, educacionais e etnográficas no âmbito da pesquisa social.

Aurea da Silva Pereira: O que mudou e o que ainda pode mudar nos cursos de licenciatura a partir dos Estudos de Letramento?

Ângela Kleiman: Gostaria poder dizer que muito mudou nos cursos de Licenciatura em consequência da pesquisa sobre letramento e seu impacto nos modos como a escola compreende sua função e define suas metas, entre as quais necessariamente deveria estar, à luz dos Estudos de Letramento, a formação de usuários competentes da língua, que se sentem confiantes sobre sua capacidade de participação em qualquer evento não importa qual seja o gênero mobilizado e de continuar aprendendo ao longo da vida para enfrentar as mudanças tecnológicas aparentemente vertiginosas com que nos deparamos cotidianamente. Não um usuário exímio em qualquer circunstância, com qualquer artefato, em toda e qualquer esfera de atuação, mas o suficientemente seguro para não precisar evitar situações novas, em que exista a possibilidade de falar em público, ou ler em voz alta, ou defender uma determinada posição numa reunião fora do âmbito familiar.

Se a faculdade ou a universidade estivessem preparando professores para essas funções, bastante teria mudado nos cursos de licenciatura, não em relação aos conteúdos a serem ensinados, mas às formas de ensiná-los, ou apresentá-los, e aos modos de apropriação desses conteúdos por parte de futuros professores. A tradicional estrutura curricular que ainda impera na maior parte dos cursos de formação, conhecida como o “esquema 3+1”¹, em que são oferecidos três anos de cursos teóricos na especialidade e um ano de formação didática, necessariamente sofreria profundas modificações. Isso porque uma das mais importantes observações dos estudos de letramento diz respeito à importância da **prática situada** na aprendizagem e no uso da língua escrita: assim como se aprende a ser biólogo praticando ser biólogo, agindo como biólogo lendo textos de biologia; refletindo sobre eles; refazendo experimentos no laboratório; desenvolvendo hipóteses; testando-as no laboratório e escrevendo relatórios sobre o processo, num contínuo vaivém entre o saber teórico e o saber prático também se aprende a ser

¹ Segundo denominação de Saviani, num texto intitulado “Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro” publicado na *Revista Brasileira de Educação* em 2009.

professor de Biologia (ou de outras disciplinas) praticando ser professor, por meio da mobilização de práticas letradas específicas da área que permitem fazer interconexões duradouras entre os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos. Em outras palavras, forja-se a identidade do professor simulando problemas de sala de aula e buscando soluções; planejando uma unidade coerente de aulas em tempo escolar; correlacionando objetivos com atividades de sala de aula; correlacionando perfis dos alunos e de suas comunidades com os objetivos selecionados; escolhendo materiais consistentes com a abordagem teórica escolhida.

O conceito de identidade profissional, em oposição ao conceito de instrumentalismo, constitui também uma relevante decorrência dos Estudos de Letramento para a reflexão sobre os cursos de Licenciatura e a formação do professor. Tornar-se professor envolve, nessa concepção, uma transformação identitária, que inclui a formação disciplinar acadêmica sobre os usos da língua escrita, mas vai muito além dela.

Entender a construção identitária do professor nos leva a pensar sobre uma formação que considere o aluno em formação um sujeito autônomo, em processo de profissionalização que lhe permite definir e controlar o processo de apropriação dos saberes necessários para sua prática. Estes não são, nem podem ser, saberes técnicos para o instrumentalizar para o trabalho. O aluno em formação é agente na produção de conhecimento relativo ao trabalho docente e, nessa dimensão, a formação do professor informada pelos Estudos de Letramento envolve a formação de professores que atuem como “agentes de letramento”² na escola.

Maria Neuma M. Paes: Qual a principal contribuição dos Estudos de Letramento para o professor de Língua Portuguesa e para os programas de Pós-graduação stricto sensu?

² Na perspectiva dos Estudos de Letramento, todo professor, qualquer que seja a disciplina que ele ensina, é um agente de letramento. Isso porque é ele quem colocará o aluno com as formas de ler e escrever típicas de suas áreas de conhecimento, responsabilizando-se, assim pela inserção do aluno nas práticas de determinada área do saber, que são, por definição, práticas letradas, posto que envolvem discurso didático validado pelo discurso da ciência.

Kleiman: A contribuição é enorme, se considerarmos apenas o número de dissertações e teses produzidas no milênio que abordam problemáticas relacionadas aos usos, valores, acesso, distribuição em geral extremamente desiguais no Brasil do letramento na escola, na universidade, na família, em diversas associações e grupos sociais (como quilombos, sindicatos, ligas de camponeses, associações de bairro, entre outros). Essas pesquisas contribuem não só para o maior conhecimento dessas temáticas, mas trazem, também, profundas inovações teórico-metodológicas aos estudos sobre a escrita na vida social.

Numa coletânea recentemente publicada³, encontramos trabalhos que usam análise do discurso, teorias da enunciação, sociolinguística interacional, dialogismo para analisar a linguagem nos eventos de letramento estudados; ainda, trabalhos que recorrem a conceitos dos Estudos Culturais, da Sociologia, da Psicologia Social para o entendimento e análise de aspectos que se inter-relacionam com os aspectos linguísticos ou discursivos emergentes desses eventos de letramento. O foco dos Estudos de Letramento está na ação social, que considera que a unidade que permite entender o impacto e a função da escrita hoje é o evento de letramento, e não o texto (não se nega a importância deste último, mas ele é considerado apenas um, entre os diversos artefatos culturais que fazem parte dos eventos de letramento).

Esse encaminhamento determina a origem multi-, inter-, transdisciplinar dessa nossa área de pesquisa, absolutamente necessária para abordar um objeto tão complexo e que tanto está contribuindo para a formação de pesquisadores e o fortalecimento de pesquisa de alta relevância social.

Uma outra modalidade de pós-graduação que muito se enriqueceu pela adoção dessa abordagem é o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), oferecido em rede nacional, e que tem como objetivo, a médio prazo, a formação de professores do ensino fundamental no ensino de

³ *Significados e ressignificações do letramento*. Desdobramentos de uma perspectiva sociocultural da escrita, organizada por mim e Juliana Assis, e cujo primeiro lançamento, não posso deixar de registrar, aconteceu no SILEP realizado pela UNEB no campus de Alagoinhas.

língua portuguesa em todo o território brasileiro⁴. O programa oferece uma única área de concentração, “Linguagem e Letramentos”, e embora a organização curricular esteja baseada numa representação fragmentada dos saberes necessários para o professor de Letras, uma das duas linhas de pesquisa do programa, “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes”, volta-se para a produção de conhecimento na escola, com base em projetos desenvolvidos pelo professor e seus alunos. Já participei de várias defesas de dissertações nessa linha de pesquisa: são dissertações que estudam problemáticas de sala de aula, propõem e testam soluções alternativas de excelência e de relevância social, sustentadas teoricamente pelos Estudos de Letramento.

Áurea da Silva Pereira: Qual o lugar dos Estudos de Letramento, considerando a distância entre os letramentos escolares e os letramentos cotidianos?

Ângela Kleiman: Retomando minhas respostas anteriores, o professor que se forma num curso que leva em conta suas experiências anteriores e suas necessidades futuras de letramento profissional é um professor que se verá envolvido numa teia atividades, memórias, e práticas relacionadas à escrita – memórias de leitura, relatos autobiográficos, produção de resumos, resenhas, seminários e outros gêneros acadêmicos, coordenação de projetos na escola, e muito mais, que lhe permitirão intervir na prática de modo mais eficiente.

Um professor que se deixa envolver pela rede de relações pulsantes na sala de aula é um professor que chegará a conhecer melhor seus alunos: o aluno que se recusa a levar determinado livro para casa, aquele que mostra timidez para participar em alguma atividade, ou o aluno que está sempre disposto a ler para seus colegas, apontam para diversas vivências de letramento no cotidiano escolar e no cotidiano não escolar que, segundo mantemos, baseando-nos na perspectiva dos Estudos de Letramento, devem ser levadas em conta, porque influenciarão as formas de participação do

⁴ <http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/profletras>

aluno nas atividades escolares e podem determinar seu sucesso ou fracasso na aprendizagem, sua permanência na escola, ou seu abandono dessa instituição.

Se, na escola, um aluno já foi deixado de lado porque “não consegue aprender”, teremos um aluno com o qual a escola já rompeu o acordo tácito de “confiança mútua” que, segundo dizia Frederic Erickson, já na década de 1980⁵, sustenta todo o processo educativo. Esse acordo estipulava o seguinte: “Eu, aluno, permito que vocês, professores, conheçam a dimensão da minha ignorância sobre determinados assuntos, porque vocês se comprometem a me tirar desse estado de ignorância”. O que significa que nós, professores, nunca podemos desistir. Entretanto, o sistema educacional erra sistematicamente, porque justamente desiste daqueles alunos que não se conformam à norma, uma norma estabelecida há mais de cinquenta anos, antes da democratização da escola nos anos 1970, quando os iam para a escola e, naturalmente, avançavam e progrediam no sistema eram alunos que vinham de famílias letradas, com abundância de livros e outros artefatos culturais em casa, e com práticas que valorizavam a escola pela função que exercia no desenvolvimento de planos individuais de progredir até chegar à universidade, virar um profissional liberal, seguir o exemplo dos pais, etc.

Não é esse o aluno que majoritariamente frequenta a escola hoje. E nada na formação profissional tradicional prepara o professor para o aluno que vai encontrar nas escolas das comunidades mais pobres. Nelas, a distância entre o letramento familiar e o escolar pode tornar o ensino inviável, se as lacunas que existem entre os conhecimentos pressupostos pela escola não são de fato substituídas pelos saberes que o aluno possui, a partir dos quais deverá começar o processo de letramento escolar. Nesse ponto, reforço, os Estudos de Letramento tem a contribuir para diminuir tal distância, uma vez que dão visibilidade a práticas de leitura e escrita que muitas vezes são marginalizadas socialmente e não legitimadas pela escola;

⁵ Época em que veio ao Brasil repetidas vezes, e contribuiu para a formação de muitos dos linguistas aplicados que hoje utilizamos abordagens antropológicas e etnográficas para estudar o letramento, a interação, a identidade, entre outros.

com isso, tal abordagem leva essa instituição a reconhecer e trabalhar com projetos que envolvam usos situados da escrita, mais significativos para suas respectivas comunidades.

Maria Neuma M. Paes: Qual a distinção entre Evento de Letramento e Prática de Letramento, considerando os novos conceitos sobre os Letramentos em comunidades rurais, quilombolas e indígenas?

Ângela Kleiman: Os novos letramentos, ou multiletramentos, de comunidades tradicionalmente às margens dos centros de produção de conhecimentos, não redefinem esses dois conceitos, eventos e práticas de letramento. O que de fato acontece, segundo a nossa pesquisa⁶ sobre letramento mostra, é que grupos marginalizados, quando passam a se constituir como um coletivo a fim de se fortalecer politicamente, redefinem práticas letramento existentes segundo sugerem os eventos de que eles participam.

Vou fazer primeiro uma pequena digressão sobre o significado dos conceitos de evento e prática de letramento, ambos já propostos nos primeiros textos sobre o assunto e mais aprofundados, talvez, em 2000, num texto⁷ escrito por Mary Hamilton, uma educadora da Universidade de Lancaster. Os eventos são constituídos por ocasiões concretas, observáveis, únicas, não repetíveis, em que a escrita é de alguma forma mobilizada. Fazem parte desses eventos participantes visíveis; circunstâncias físicas concretas; artefatos materiais, como papel, computador; e as ações específicas, observáveis dos participantes, evidentes em atividades como leitura em voz alta, leitura silenciosa, anotações na margem do livro, etc. As práticas, em contrapartida, são abstratas, e podemos dizer, *grosso modo*, que são elas que subjazem as atividades, as formas de usar os materiais, os modos de participação dos eventos. Em relação aos participantes, por exemplo, uma forma de reagir de um aluno pode ter pouco a ver com os demais participantes

⁶ Por exemplo, na pesquisa apresentada em texto de 2016, "Multiletramentos, interdições e marginalidades" escrito por Luanda Sito e por mim, incluído na coletânea anteriormente mencionada.

⁷ "Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice", incluído na coletânea *Situated literacies* organizada por David Barton, Mary Hamilton, e Roz Ivanic.

do evento e muito mais com um participante que faz parte da história desse aluno; alguém que sempre o criticou ou subestimou, não mais presente, pode estar influenciando sua recusa a participar. Os recursos que são trazidos para o evento, de outros eventos, em outras instituições, fazem parte da prática que vai configurar o evento observado, assim como os saberes – de outras tecnologias, outras leituras, outras regras ou modos de fazer. Também valores, representações, sentimentos, nenhum deles observáveis (mas todos passíveis de serem inferidos a partir das ações dos participantes), fazem parte da prática de letramento.

Voltando à questão dos letramentos emergentes nas comunidades mencionadas, no caso dos quilombolas⁸, por exemplo, uma prática de letramento existente era o registro de atividades cotidianas de tipo comercial-familiar -mnemônico em cadernos de anotações, muito semelhantes aos cadernos de fiado. O contato com órgãos governamentais para regularizar a posse de terra da comunidade exigiu a produção de numerosos documentos atas, prestação de contas, laudos que estavam em conflito com as tradições orais do grupo. Os cadernos passaram então subsidiar novos gêneros, que não correspondiam nem aos gêneros jurídicos dos discursos do presente e do futuro, nem aos gêneros comerciais- mnemônicos do passado – surgiu, assim, dos eventos de contato e conflito, uma prática de letramento que tinha por objetivo subverter a desigualdade por meio da reinvenção de gêneros necessários para interagir com os burocratas representantes do governo.

Aurea da Silva Pereira: Quando se trata de Letramento, quais obras considera essenciais para um estudante do curso de Letras que se inicia no assunto?

Ângela Kleiman: Para ser fiel à perspectiva que venho defendendo nesta entrevista, não vou recomendar obras teóricas. Acho que mais importante do que este ou aquele texto, é a prática de letramento. E, no caso

⁸ Comunidade cujas práticas de letramento foram analisadas por Luanda Sito em sua dissertação de Mestrado ““Ali está a palavra deles”. Um estudo sobre práticas de letramento em uma comunidade quilombola do litoral do Rio Grande do Sul.”, defendida no Programa de Linguística Aplicada da Unicamp em 2010.

de práticas de letramento acadêmicas, como as que subsidiariam a leitura de textos acadêmicos, o mais importante é elaborar um conjunto de atividades que propicie o desvendamento dos mistérios dessas práticas. Os alunos reclamam do que fazemos na universidade, questionam os nossos objetivos, nossas escolhas. Se os ouvíssemos, perceberíamos que muitas vezes estão questionando as próprias bases do letramento acadêmico. E isso acontece, eu creio, que ninguém lhes explicou as premissas desses discursos. Eu mesma orientei várias teses excelentes que abordam essa problemática, mas prefiro, em vez de citá-las, recomendar uma abordagem de leitura de qualquer texto acadêmico com o objetivo de tornar explícitos os valores implícitos relativos ao letramento acadêmico para torná-los, de fato, conhecimentos partilhados entre professor e estudante: ler resumos de trabalhos para decidir o que interessa ver em um congresso; ler normas de publicação para enviar um artigo para uma revista; ler programas de eventos acadêmicos para inscrever um trabalho; escrever um resumo para apresentar o trabalho em evento são atividades que vão, aos poucos, tornando significativas as práticas de letramento acadêmico.

Acho que ações como essas são as que podem levar ao “rompimento do monopólio do saber das universidades e outras instituições que reúnem grupos de pesquisadores e intelectuais” e à “elaboração de currículos que favoreçam, por um lado, a apropriação desses saberes por grupos na periferia dos centros hegemônicos e, por outro, a legitimação dos saberes produzidos por esses grupos”. Desejo expresso há 4 anos⁹ e cuja eventual concretização, acredito, as práticas de letramento situadas podem auxiliar.

Recebido em 10 de novembro de 2016.

Aceito em 12 de dezembro de 2016.

⁹ No texto “Problematizações em torno de uma agenda de pesquisa e ação na Linguística Aplicada”, publicado em 2013 no livro *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*, organizado por Moita Lopes.